

## O *Globo* e as disputas em cena: Brizola e a criação e uma sigla emblemática, o Partido Democrático Trabalhista<sup>1</sup>

*O Globo And the Disputes in Scene: Brizola and the Creation of An Emblematic Acronym, The  
Partido Democrático Trabalhista*

Marcelo Marcon\*

**Resumo:** Esse artigo tem como objetivo pesquisar a forma como o jornal *O Globo* elaborou seu discurso no processo de disputa pelo domínio da sigla PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) entre Leonel Brizola e Ivete Vargas, e a consequente criação do PDT (Partido Democrático Trabalhista). Isso ocorreu no processo de abertura política do regime militar brasileiro e reorganização partidária. A forma como o jornal elaborou seu discurso foi analisada de acordo com a metodologia proposta por Patrick Charaudeau. Analisando as fontes, a historiografia e utilizando a metodologia proposta, entendemos que *O Globo* apoiou Ivete Vargas e investiu na desqualificação política de Leonel Brizola, uma vez que o jornal e o político gaúcho possuíam diferentes visões acerca do rumo da política brasileira.

**Palavras-chave:** Leonel Brizola. Partido Democrático Trabalhista. Partido Trabalhista Brasileiro.

**Abstract:** This article aims research the way how the newspaper *O Globo* elaborated its speech in the process of dispute for the domain of the acronym PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) between Leonel Brizola e Ivete Vargas, e the consequent creation of the PDT (Partido Democrático Trabalhista). This happened in the process of political opening of the Brazilian military regime and party reorganization. The way that the newspaper elaborated its speech was analyzed according to the methodology proposed by Patrick Charaudeau. The analyze of the sources, the historiography and the methodology proposed, we understand that *O Globo* supports Ivete Vargas and invested in the politic disqualification of Leonel Brizola, once that the newspaper and the political from Rio Grande do Sul had differents visions about the future of the politic in Brazil.

**Keywords:** Leonel Brizola. Partido Democrático Trabalhista. Partido Trabalhista Brasileiro.

---

<sup>1</sup> Esse artigo é resultado de parte de minha dissertação de mestrado intitulado “Deu no *O Globo*: Leonel Brizola e a criação do Partido Democrático Trabalhista (1979-1982)”. A pesquisa obteve financiamento da Fundação Universidade de Passo Fundo.

\* Doutorando em História pela Universidade de Passo Fundo. Mestre e Graduado em História também pela UPF.

## Introdução

Este artigo tem o objetivo de compreender o discurso do jornal *O Globo* sobre o processo de disputa judicial entre Leonel Brizola<sup>2</sup> e Ivete Vargas<sup>3</sup> pela sigla PTB, analisando a forma como o jornal criou seu discurso durante a batalha no TSE, a perda do grupo de Brizola da sigla PTB para o grupo de Ivete Vargas, e a consequente criação do PDT.

Em 1979, foi autorizado o fim do bipartidarismo e o retorno do pluripartidarismo no Brasil. A instauração do bipartidarismo ocorreu em 1965 pelo Ato Institucional nº 2, como uma “solução para garantir ao governo maioria estável no Congresso Nacional” (RIDENTI, 2014, p. 35).

Em 1979, com João Batista Figueiredo<sup>4</sup> assumindo o poder, a ARENA já se encontrava desestabilizada e com diversos membros seus tentando desvincular-se da repressão que ocorreu durante o regime. De modo que a oposição unida em um único partido levava vantagem sobre a situação, o que fez com que o presidente Figueiredo ainda no mesmo ano, extinguisse o sistema bipartidário e permitisse a volta dos partidos.

O governo acreditava que a oposição fragmentada em vários partidos seria mais facilmente controlada do que unida sob uma única sigla. Na época, líderes políticos de

---

<sup>2</sup> Leonel de Moura Brizola nasceu no dia 22 de janeiro de 1922, no povoado de Cruzinha, que na época pertencia ao município de Passo Fundo, tornando-se pertencente a Carazinho por ocasião de sua emancipação, em 1931. Filho de José de Oliveira Brizola e de Onívia de Moura Brizola, pequenos lavradores, perdeu o pai no ano seguinte ao seu nascimento, que morreu na Revolução Federalista, em 1923, a serviço dos maragatos (grupo ligado a Assis Brasil). Formou-se em 1949 em Engenharia Civil pela Universidade do Rio Grande do Sul, sendo nessa época que ele ingressou na política. Buscando algo diferente dos partidos tradicionais e longe do PCB, passou a militar pelo recém-criado Partido dos Trabalhadores, o PTB, elegendose deputado estadual em 1947. Durante a década de 1950, Brizola tornou-se uma das principais lideranças trabalhistas do estado. Brizola reelegeu-se deputado estadual em 1950, sendo líder da bancada e depois nomeado secretário de Obras no Rio Grande do Sul. Em 1954, ele elegeu-se deputado federal, e em 1955, prefeito de Porto Alegre, cargo que exerceu até 1958, quando venceu a eleição para o governo do estado. A projeção nacional de Leonel Brizola ocorreu em 1961, com a Legalidade, movimento que defendeu a posse de João Goulart na presidência da República, quando da renúncia de Jânio Quadros. Em 1964, por ocasião do golpe militar e ditadura imposta teve de se exilar, permanecendo até 1977 no Uruguai, passando ainda pelos Estados Unidos e Portugal, retornando ao Brasil em 1979 com a Lei de Anistia Política. Em 1980, fundou o Partido Democrático Trabalhista (PDT), e em 1982 elegeu-se governador do Rio de Janeiro, e pela segunda vez em 1990. Concorreu aos pleitos presidenciais de 1989 e 1994, vindo a falecer em 2004.

<sup>3</sup> Ivete Vargas, sobrinha-neta do ex-presidente Getúlio Vargas, iniciou sua vida política no PTB, elegendose deputada federal por São Paulo em 1950, e em 1958, assumiu a presidência do PTB paulista. Apoiou o governo de Juscelino Kubitschek, e a Legalidade liderada por Brizola para que João Goulart assumisse a presidência quando da renúncia de Jânio Quadros. Ivete reelegeu-se deputada federal em 1962, desta vez pelo Rio de Janeiro. Por ocasião do golpe civil-militar em 1964, e do AI2 em 1965 que extinguiu o pluripartidarismo, filiou-se ao MDB e atuou como vice-líder da oposição, reelegendo-se deputada em 1966. Atingida pelo AI5, Ivete retirou-se temporariamente da vida pública. Em 1980, obteve o domínio da sigla PTB após travar uma batalha judicial com Leonel Brizola. Faleceu em 1984, vítima de câncer. Fonte: CPDOC – FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/vargas-ivete>

<sup>4</sup> João Batista Figueiredo foi o 5º e último presidente da ditadura militar. Filho de militar, fez seus estudos em colégios militares, e atuou na cavalaria do exército. Já na ditadura, atuou como chefe do SNI. Tomou posse como presidente em 15 de março de 1979, e foi responsável pelo processo de abertura política, dentro das linhas já definida pelo ex-presidente Ernesto Geisel, de forma “lenta, gradual e segura”. Fonte: CPDOC – FGV.

oposição demonstravam sua insatisfação com o sistema bipartidário em vigor. Com a volta do pluripartidarismo, alguns partidos que já existiam antes foram retomados, como o PTB, e outros criados, como o PMDB, o PDT e o PT.

No contexto de criação do Partido Democrático Trabalhista, a ação de Leonel Brizola foi fundamental, em um período em que seu discurso e ação política sofreram mudanças. Conseqüentemente, a concepção da ação de Leonel Brizola nesse período deve ser identificada diferentemente de sua ação anterior ao exílio. A imagem de Brizola em 1979 pode ser lida de duas formas: a primeira é a dos contrários à sua volta, por entenderem que ele era o inimigo número um do regime militar e portanto o maior responsável pela instabilidade política que levara ao golpe de 1964; e a segunda é a imagem de que justamente por ser tão odiado pelos militares, ele seria o legítimo representante da luta contra a ditadura (SENTO-SÉ, 1999). É a partir dessa segunda imagem que Brizola, depois de sua volta do exílio, é visto por muitos, e por si próprio, como herdeiro da sigla PTB e do trabalhismo de Getúlio Vargas.

### **O Globo e a batalha judicial pela sigla PTB**

Na virada do ano de 1979 para 1980, o grupo de Leonel Brizola, composto por três deputados brizolistas, Lidovino Pantan (RS), Getúlio Dias (RS) e Murilo Mendes (AL), estudantes e assessores parlamentares, permaneceu por 61 horas na frente da sede do Tribunal Eleitoral para ser o primeiro a requerer registro da sigla PTB<sup>5</sup>. O jornal *O Globo*, do dia 3 de janeiro de 1980, noticiou o registro com o título *Após vigília, PTB de Brizola pede registro*, afirmando que o grupo brizolista comemorou a virada do ano com sanduíches e refrigerantes, sem champanhe, pois “o PTB é o partido dos trabalhadores”<sup>6</sup>.

Já no dia seguinte, 4 de janeiro, o jornal publicou um editorial em que ataca o grupo brizolista e o critica por pregar um falso apoio aos trabalhadores. Com o título de *À saúde do PTB*, o jornal escreveu:

Numa vigília que demorou 61 horas, dirigentes do PTB fizeram plantão à porta do TSE a assim garantiram primazia no registro da sigla partidária. A maratona atravessou a passagem do ano, comemorada com refrigerantes mas sem champanha porque, explicaram zelosamente os participantes, “o PTB é o partido dos trabalhadores”. Pois não haveria desdouro se espocassem algumas garrafas, que certamente podiam financiar. O melhor

<sup>5</sup> O objetivo era evitar que a ex-deputada Ivete Vargas realizasse o pedido de fundação do partido antes que Brizola.

<sup>6</sup> *O Globo*, *Após vigília, PTB de Brizola pede registro*, 03 de janeiro de 1980, p. 04.

partido dos trabalhadores, tenham certeza os próceres petebistas, não é aquele que desdenha a champanha, mas sim o que luta para colocá-lo ao alcance dos trabalhadores<sup>7</sup>.

Assim, *O Globo* iniciou o seu posicionamento favorável ao grupo de Ivete Vargas na batalha pela sigla PTB. O jornal utilizou o discurso de defesa dos trabalhadores para rechaçar o compromisso do grupo de Brizola para com seus eleitores, afirmando que estes deveriam lutar para colocar a champanha ao alcance dos trabalhadores, ao invés de abdicar dela.

Esse editorial de *O Globo* fez parte de uma linha política adotado pelo jornal para enfraquecer Brizola e seu novo projeto político. De acordo com Charaudeau, “todo discurso se constrói na intersecção entre um campo de ação, lugar de trocas simbólicas organizado segundo relações de força (Bourdieu), e um campo de enunciação, lugar dos mecanismos de encenação da linguagem” (CHARAUDEAU, 2015, p.52).

Portanto, o discurso político não acontece apenas resultante de “esquemas de pensamentos pré-construídos que se reproduziriam sempre da mesma maneira, esteja do lado dos dominantes ou dos dominados”. Para Charaudeau, as significações do discurso resultam de um jogo complexo, de um processo de construção-reconstrução, que se opera segundo o lugar ocupado e o posicionamento dos indivíduos que ocupam essas posições. Esses posicionamentos, segundo o autor, resultam de linhas de pensamento diversas, e das relações de poder estabelecidas por seus atores (2015, p.52).

*O Globo* criou seu discurso de acordo com um posicionamento político, em um processo que buscava desestabilizar líderes políticos que retornavam do exílio e buscavam criar partidos de oposição ao regime. Dentre eles, Brizola ocupou uma posição especial, sendo um dos principais nomes de oposição no pós-1979. O jornal, que apoiou o regime por praticamente todo o período de sua duração, posicionou-se favoravelmente ao grupo de Ivete Vargas na disputa pelo PTB, uma vez que Ivete era amiga pessoal do general Golbery, e Brizola representava uma força maior contra o governo.

Já no dia 7 de janeiro, o jornal publicou uma matéria com o título *Ivete Vargas diz que Brizola se ofereceu para implodir o MDB*, em que relatou um telefonema que Ivete Vargas teria recebido de Brizola, em que ele havia perguntado como estavam as relações da ex-deputada

---

<sup>7</sup> *O Globo*, *A saúde do PTB*, 04 de janeiro de 1980, p. 03.

com Golbery. “Respondi que iam muito bem, pois havia a velha amizade de família. Ele então me surpreendeu: ‘Proponha-lhe a implosão do MDB. Faríamos isso muito bem’”<sup>8</sup>.

Na sequência da matéria, Ivete relata que começou a enumerar os nomes que integrariam o PTB nos estados, e que Brizola os teria atacado, chamando-os de “velharia”: “O pior, porém, foi o empenho dele, de afastar o que chamou de velharia, esquecido que ele próprio já é bastante maduro. Para o ex-governador, gente velha é gente superada. Mas ele se exclui”<sup>9</sup>.

Sobre essa matéria, percebem-se dois pontos. O primeiro é o discurso ríspido de Brizola, que, em toda sua vida política, busca desqualificar seus oponentes. Em um momento conturbado, em que retornou do exílio, e se dá conta que teria que lutar judicialmente pela sigla PTB, Brizola criou um discurso de desqualificação de Ivete Vargas e de seus aliados, em uma tentativa de persuadir a ex-deputada a desistir do PTB.

O segundo ponto é a estratégia de *O Globo* ao redigir uma matéria descrevendo o telefonema de Brizola a Ivete Vargas, em uma tentativa de evidenciar um desespero por parte de Brizola. Como visto anteriormente, três dias antes o jornal já havia escrito um editorial atacando o grupo brizolista por pregar uma falsa defesa aos trabalhadores, com o título *À saúde do PTB*, e deixado claro que na sua opinião a saúde do PTB dependia da vitória do grupo de Ivete Vargas sobre o grupo de Brizola na batalha judicial pela sigla.

Segundo Charaudeau,

O discurso do comentário jornalístico é, em princípio, marcado por uma argumentação de ponderação: uma dosagem equilibrada entre julgamento pró e julgamento contra, entre apreciação favorável e apreciação desfavorável, entre exposição de uma determinada opinião ou de uma outra (muitas vezes contrária). Disso decorre uma argumentação em forma de gangorra, que corresponde, de fato, a uma recusa em escolher entre os termos de uma alternativa, entre uma opinião e seu contrário (2015, p. 177).

Dessa forma, entendemos como o discurso da imprensa pode posicionar-se de modo favorável a um grupo em detrimento de outro, trazendo fatos e opiniões que legitimem sua ideia e escondendo os que a contrariem. Não acreditamos na ideia de neutralidade ou imparcialidade da imprensa, mas quando um meio de comunicação atua no sentido de influenciar o pensamento da população, e de desconstruir a imagem de um líder político,

---

<sup>8</sup> *O Globo*, Ivete Vargas diz que Brizola se ofereceu para implodir o MDB, 07 de janeiro de 1980, p. 06.

<sup>9</sup> *O Globo*, Ivete Vargas diz que Brizola se ofereceu para implodir o MDB, 07 de janeiro de 1980, p. 06.

como no caso de *O Globo*, ele não cumpre com seu papel de trazer todos os fatos para que o leitor possa construir sua própria interpretação.

O jornal passou a criar um ambiente de crise dentro do grupo brizolista, ao mesmo tempo em que exaltava o partido do governo, PDS. No dia 17 de janeiro, na página 5, o jornal criou uma estrutura de matérias que apresentou a seguinte ordem de títulos: *Casal de deputados do ex-MDB adere ao partido do governo*; *Candidatura de Lysâneas leva PTB do Rio à crise*; e *Lucídio: PDS vai ser o maior partido do Piauí*<sup>10</sup>. Dessa forma, o jornal criou uma estrutura de notícias em que buscou mostrar uma superioridade do PDS em relação ao PMDB e o PTB. Em uma mesma página, o leitor, ao ler os três títulos das notícias, teria a impressão de que os partidos de oposição, recém reformulados, estavam em crise, e que apenas o partido do governo tinha uma base forte e continuaria sendo o principal partido brasileiro.

Com os títulos *Casal de deputados do ex-MDB adere ao partido do Governo*, e *PDS vai ser o mais partido do Piauí*, o jornal criou um discurso de que durante o processo de reorganização partidária, o PDS seria um partido imbatível, que líderes políticos de outros partidos estariam migrando para a sigla do governo.

Já na notícia intitulada *Candidatura de Lysâneas leva PTB do Rio à crise*, o jornal afirmou que estaria se agravando uma crise interna no PTB, de massiva perda de nomes importantes para compor o partido. De acordo com Patrick Charaudeau, a “estruturação do espaço social depende da instância fornecedora de informação que é obrigada a construir seu propósito gerenciando a visibilidade pública dos acontecimentos que se trata” (2015, p.142).

Para o linguista, a instância midiática deve, então, proceder a uma repartição do espaço público em categorias, em que se permite aos atores reconhecerem-se, compreender e reagir diante delas. Por terem conhecimento de que se dirigem a um público que não é homogêneo, as mídias, segundo o autor, procedem a uma racionalização, de tal maneira que o público se habitua a recortar o mundo social como as mídias o fazem (CHARAUDEAU, 2015, p.143).

A forma como *O Globo* estruturou suas notícias, buscava criar no leitor a ideia de desprestígio dos partidos políticos de oposição. O jornal procedeu ao ato de racionalização que descreveu Charaudeau, fazendo com que o público se habituasse a, da mesma forma que a publicação, recortar o espaço político de maneira em que se visse o PDS como partido em ascensão, e os demais como partidos que estivessem em crise.

---

<sup>10</sup> *O Globo*, *Candidatura de Lysâneas leva PTB do Rio à crise*. 17 de janeiro de 1980, p. 05.

Segundo Sento-Sé, Lysâneas Maciel<sup>11</sup> havia concebido a ideia do “novo trabalhismo”, e Pedro Celso Uchoa Cavalcante redigiu, a pedido de Brizola, um documento definindo o “trabalhismo democrático como princípio norteador do novo partido”. No entanto, antigos trabalhistas do Rio de Janeiro, como Paiva Muniz, Aarão Steinbruch e Bocayuva Cunha, resistiam a essa ideia, principalmente a redigida por Maciel (SENTO-SÉ, 1999, p.95).

Para o autor, tudo indicava que aqueles que não tinham suas raízes no trabalhismo e se “incorporavam ao projeto em função da possibilidade de organizar um partido de massas moderno em torno de Brizola compartilhavam em algum grau uma visão crítica do antigo estilo petebista” (SENTO-SÉ, 1999, p. 96). Nesse caso, houve uma disputa entre estilos, e trabalhistas ainda ligados à figura de Jango, embora reconhecessem em Brizola seu natural sucessor, nutriam reservas se comparado ao estilo distinto do seu antecessor.

Já para *O Globo*, a crise interna que existiria dentro do PTB brizolista agravou-se com a pré-candidatura de Lysâneas Maciel para a presidência da comissão executiva regional provisória. Em sua obra, Charaudeau analisa a forma como os jornais intervêm nas palavras em seu uso original, exemplificando e comparando dois periódicos, um que traz como notícia *O ex-ministro deixou a França*, e *O ex-ministro escapa da justiça francesa*. Nesses casos, percebemos como o poder das palavras faz diferença na formulação da notícia e no consequente entendimento por parte do leitor (CHARAUDEAU, 2015).

No caso do jornal *O Globo*, o periódico escolheu criar uma notícia que explicita um ambiente de crise dentro do PTB brizolista. Lendo e analisando o decorrer da própria notícia do jornal, poderíamos pensar em outros títulos para a matéria, como por exemplo: *Candidatura de Lysâneas gera divergências no PTB*, ou *Candidatura de Lysâneas não é unânime entre os trabalhistas*. O fato de escolher a palavra crise para definir o acontecimento é fruto da intenção e posição do jornal de gerar no leitor a ideia de crise dentro do PTB brizolista.

No dia 20 de janeiro de 1980, *O Globo* tornou a trazer declarações de Ivete Vargas criticando a fala de Brizola de que o seu grupo tinha o direito da sigla por ter pedido registro antes que o grupo de Ivete:

O posicionamento demonstra uma ignorância política impressionante, mesmo em quem não é advogado. Que é evidente o desejo de confundir a opinião pública. Ele não pode ignorar que quem efetivamente cumpriu a lei com a maior seriedade foi o nosso grupo, conforme posteriormente lhe expôs o ex-governador Gilberto Mestrinho, num encontro que tiveram em dezembro – disse Ivete Vargas.

---

<sup>11</sup> Lysâneas Maciel acabou por deixar o PTB e filiar-se no PT, o qual foi candidato ao governo do Rio de Janeiro em 1982.

Já em 4 de fevereiro de 1980, o jornal publicou uma matéria com o título *Ivete: Brizola quer é impressionar o governo*, em que Ivete refuta declarações que Brizola havia feito, de que ela estaria tentando assegurar a sigla PTB através de pressões junto ao Tribunal Superior Eleitoral. Na matéria, Ivete afirma que “A intriga, além de outros expedientes que vêm lançando mão, apenas acoberta o desejo deles próprios de tentar impressionar as autoridades, com o evidente propósito de obter-lhes o apoio”<sup>12</sup>. O periódico busca ainda rebater uma afirmação de que Brizola havia dito que o grupo de Ivete era semelhante ao malufismo e ao chaguismo, com Ivete dizendo que ele apenas demonstra falta de argumentos ou indigência mental.

O jornal continuou a trazer declarações que tentam desconstruir o projeto do PTB brizolista. Dessa vez, do senador José Sarney (PDS), que ao ser indagado sobre o programa do PTB, responde: “Que programa? Aquele que dá um litro de leite para cada trabalhador? Sinceramente, prefiro a Legião da Boa Vontade, do Zarur. No mínimo, seu programa é muito mais suculento”<sup>13</sup>.

Patrick Charaudeau afirma que nas estratégias de desqualificação do adversário no discurso político, a manipulação da ironia está presente. Dessa forma, o jornal buscou a partir da fala do senador José Sarney, um dos principais líderes do PDS, ironizar e desqualificar o projeto de Brizola, afirmando que o programa do PTB oferecia um litro de leite a cada trabalhador. Nota-se, dessa forma, um deboche do senador e do jornal a um projeto que defendia direitos trabalhistas.

Na mesma linha, no dia 10 de fevereiro, O Globo escreveu, com o título *Ivete responde a Brizola e diz que ele não merece crédito*, novamente uma fala de Ivete criticando declarações de Brizola, sem mostrar quais seriam essas declarações: “Temos as mãos limpas e a consciência tranquila. Não somos gigolôs da política” – afirmou ontem a ex-deputada Ivete Vargas, em relação a declarações do ex-governador Leonel Brizola, que se recusa a qualquer entendimento com ela”.

Ivete ainda segue dizendo que seu grupo considera que Brizola não merece crédito, enquanto não explicar o destino de amplos recursos que teria recebido no exterior. Desse modo, o jornal destina espaços ao direito de Ivete refutar declarações de Brizola, ao mesmo tempo em que não apresenta originalmente essas declarações e não concede a Brizola a mesma oportunidade. O jornal afirmou que Brizola se recusou a qualquer entendimento

---

<sup>12</sup> O GLOBO, *Ivete: Brizola quer é impressionar o governo*, 04 de fevereiro de 1980, p. 03.

<sup>13</sup> O GLOBO, 06 de fevereiro de 1980, p. 02.

com Ivete, e aproveitou para afirmar que o ex-governador recebeu “amplos recursos do exterior”, em uma crítica ao fato de que ele estaria ligado à Internacional Socialista.

Observamos, portanto, que as matérias criadas pelo jornal continuaram a trazer falas de Ivete Vargas no sentido de desqualificar o projeto político de Brizola. Embora o jornal faça maiores referências ao nome de Brizola, em termos quantitativos, grande parte das notícias é criada para gerar no leitor a ideia de descrédito político do ex-governador.

Em um editorial do dia 13 de fevereiro, intitulado *Marketing*, o jornal escreveu: “A disputa entre Leonel Brizola e Ivete Vargas transformou-se numa questão de marketing político”. Afirma que os dois grupos se enfrentam para conquistar uma marca partidária e não uma legenda, pressupondo que seus adeptos e seus eleitores estejam incrustados nesta marca, independentemente de seu “recheio programático e ideológico ou dos rumos que a liderança do momento imprimir ao partido. Não é episódio que contribua para a renovação do quadro partidário brasileiro”<sup>14</sup>.

No editorial, *O Globo* procurou manifestar-se contra a disputa pela sigla PTB e mostrar que atuou com neutralidade. Porém, como podemos observar nas matérias, ele explorou as falas de Ivete contra Brizola, investindo principalmente na desqualificação do ex-governador e do seu projeto político.

Em 22 de fevereiro de 1980, em notícia intitulada *Ivete: Brizola explora a memória de Getúlio*, o jornal continua sua argumentação:

- As agressões do grupo liderado por Leonel Brizola mostram apenas que eles querem explorar a memória de Getúlio Vargas, embora no fundo sejam todos antigetulistas. A declaração foi feita ontem, pela ex-deputada Ivete Vargas, a propósito da afirmação do deputado José Maurício, de que ela tinha uma formação política da época do Estado Novo, e por isso, trazia “resíduos ditatoriais”. Ivete disse ainda que as palavras do parlamentar fluminense não foram dirigidas a ela, “mas contra a memória do ex-presidente Getúlio Vargas”. E concluiu: - A partir de agora, todos os getulistas estão sabendo quem é o verdadeiro PTB”<sup>15</sup>.

Para Patrick Charaudeau, no discurso político, quando há um projeto que consiste na estigmatização da origem do mal, é preciso também inscrever as estratégias de desqualificação do adversário. O linguista afirmou que no processo de desqualificação do

---

<sup>14</sup> O GLOBO, *Marketing*, 13 de fevereiro de 1980, p. 04.

<sup>15</sup> O GLOBO, *Ivete: Brizola explora a memória de Getúlio*, 22 de fevereiro de 1980, p. 03.

adversário, podem ser utilizadas as estratégias de *desqualificar as ideias* do adversário; mostrar as suas *consequências negativas*; a *instância adversária*; as *contradições do adversário* e seu projeto de *manipulação*.

Charaudeau exemplifica como ocorrem essas estratégias, citando o caso de um presidente da República francês, que convidou os franceses a votarem “sim” no primeiro referendo sobre a Europa, por meio do seguinte discurso: “Alguns incitam vocês a votar ‘não’, prisioneiros que são de sua doutrina, de sua vontade obstinada de estabelecer na França um sistema totalitário. Inútil insistir”. Segundo Charaudeau, nesse discurso, são desqualificadas ao mesmo tempo as ideias do adversário (“prisioneiros de sua doutrina”), as consequências negativas para o povo (“estabelecer um sistema totalitário”), e a instância adversária, por uma imagem negativa (“vontade obstinada”). Nesse caso, o discurso visa a rejeitar as ideias do adversário, lembrando a ameaça que ele representa (CHARAUDEAU, 2015, p.92).

O jornal *O Globo* também buscou, nas formulações das notícias, criar estratégias de desqualificação de Brizola. Embora traga falas de Ivete Vargas e outros adversários políticos, a quantidade de notícias em que eles criticam o ex-governador e seu novo projeto político, evidencia um interesse do jornal em desqualificá-lo. Isso ocorre pela estratégia de combater o reestabelecimento do trabalhismo no Brasil, como veremos adiante, em editoriais de *O Globo*, travando uma batalha contra os partidos que o representavam, como PDT, PT e PTB.

Na notícia acima, Ivete afirmou que Brizola e seu grupo queriam explorar a memória de Getúlio Vargas, quando seriam no fundo todos antigetulistas. Dessa forma, *O Globo* se apropria do discurso de Ivete para *desqualificar as ideias* de Brizola (de retomar o trabalhismo getulista), mostrar as *consequências negativas* (a partir de agora todos estão sabendo quem é o verdadeiro PTB), e a *instância adversária* e *contradições do adversário* (as palavras não foram dirigidas a Ivete, mas contra a memória de Getúlio Vargas).

No decorrer da notícia, Ivete declarou que obteve informações de que o grupo liderado por Brizola encaminhara apenas quatro das nove comissões regionais exigidas pela nova legislação, e diz que isso demonstra que “eles não têm estrutura política. Eles disseram que nós não existimos, mas o partido que têm as comissões prontas é o nosso”.

No dia 13 de março de 1980, o jornal publica matérias sobre Ivete e Brizola intituladas: *PTB de Ivete já tem bloco na Assembléia*, e *Schiling: Prestígio de Brizola caiu*<sup>16</sup>. Podemos perceber, com os títulos, que o jornal buscou difundir a ideia de que o grupo liderado por Ivete estaria

---

<sup>16</sup> Paulo Schiling foi um economista e ex-assessor de Brizola. Fonte: <https://www.sul21.com.br/tag/paulo-schilling/>

crescendo, enquanto Brizola estaria perdendo seu prestígio político. A intenção ao noticiar os dois textos na mesma página é a de criar no leitor essa ideia.

No dia seguinte, 14 de março, *O Globo* noticiou que os pedidos de registro dos dois PTBs, feitos em janeiro, foram arquivados pelo TSE. De acordo com o jornal: “O Tribunal Superior Eleitoral determinou ontem, por maioria de votos, o arquivamento dos pedidos de registro provisório do Partido Trabalhista Brasileiro, tanto do grupo do ex-governador Leonel Brizola, quanto do grupo de Ivete Vargas”<sup>17</sup>. Desse modo, ambos os requisitantes tiveram de requerer o registro novamente ao Tribunal.

Segundo a matéria, o ministro-relator Aldir Passarinho afirmou que nenhum dos grupos apresentou a relação das comissões diretoras municipais provisórias em pelo menos um quinto de no mínimo nove estados. A notícia traz apenas declarações de Ivete Vargas, de minutos antes do julgamento, em que afirmou: “Provamos que dizer que só existimos no papel é uma piada, porque ninguém consegue, no prazo que tivemos, criar a estrutura que criamos, se não tiver, no âmbito nacional uma presença”<sup>18</sup>.

O grupo de Ivete Vargas renovou o pedido de registro ainda no dia 14 de março, afirmando que o fez com tanta pressa por acreditar, baseado em uma declaração do ministro Moreira Alves, que preenchidas as formalidades legais, o grupo político a requerer seu registro em primeiro lugar seria o vencedor<sup>19</sup>.

No dia seguinte, *O Globo* publicou uma pequena nota, afirmando que seria um engano acreditar que o ministro Golbery do Couto e Silva teria interesse em entregar a legenda do PTB a Ivete Vargas, pela amizade pessoal entre os dois. Segundo o jornal, por Golbery estar empenhado na estruturação do PDS, ele não teria interesse em auxiliar a formação de nenhum partido, por isso não intervinha na disputa entre Brizola e Ivete e nem se preocupava em deixar de conversar com ela nesse período<sup>20</sup>.

No dia 21 de março, o grupo de Brizola requereu novamente o registro pelo PTB, e no dia 22 o jornal relatou a notícia, e trouxe declarações do advogado do PTB brizolista, Célio Silva, que disse que “organizar um partido não é uma gincana com distribuição de tarefas e todo mundo correndo para entrar no primeiro lugar”, justificando que o critério de ser o primeiro a renovar o pedido não influenciaria na decisão do TSE.

No mesmo dia, *O Globo* escreveu sob o título *Ivete sob o fogo de outro PTB*, que haviam surgidos boatos de que o TSE já tinha decidido a favor de Ivete na disputa pelo PTB, e que

---

<sup>17</sup> *O Globo*, “TSE arquivou pedido de registro dos dois PTBs”, 14 de março de 1980, p. 02.

<sup>18</sup> *O Globo*, “TSE arquivou pedido de registro dos dois PTBs”, 14 de março de 1980, p. 02.

<sup>19</sup> *O Globo*, PTB de Ivete já renovou pedido e o de Brizola renova até terça, 15 de março de 1980, p. 02.

<sup>20</sup> *O Globo*, *Política hoje, amanhã*. 16 de março de 1980, p. 02.

esses boatos tiveram pronta repercussão em Brasília, com pichações na cidade que diziam “O PTB é do povo – fora Ivete”. O jornal diz sobre o ato: “trata-se de uma forma estranha e inútil tentativa de interferir na decisão do TSE, que tão cedo não definirá a questão”<sup>21</sup>.

Dessa maneira, o jornal buscou desqualificar possíveis manifestações populares caso Brizola perdesse a sigla para Ivete. Por inúmeras vezes durante o período da ditadura, O *Globo* buscou combater manifestações contrárias ao regime, desacreditando os motivos e as ações dos manifestantes.

Em 4 de abril noticiou a visita do secretário-geral do Partido Socialista Português (PSP) Mário Soares, expoente da Internacional Socialista, ao Brasil. Soares foi intermediador da estadia de Brizola em Lisboa durante o período final do exílio. Ele estava na República Dominicana representando o PSP na primeira conferência da Internacional Socialista na América Latina. Brizola o recebeu no aeroporto, junto com Darcy Ribeiro e outros trabalhistas<sup>22</sup>.

Mário Soares concedeu uma entrevista aos jornalistas naquela oportunidade, e as principais perguntas destacadas pelo jornal foram aquelas relacionados à aproximação do Partido Socialista Português com algum partido brasileiro, em especial o PTB de Leonel Brizola. Brizola respondeu:

- Rigorosamente, no Brasil não existe partido filiado à Internacional Socialista. Nós, trabalhistas, temos cultivado um relacionamento fraterno com ela, particularmente com o Partido Socialista Português, a quem muito devem os brasileiros que estiveram exilados em Portugal. Temos acompanhado, como convidados, as reuniões da Internacional Socialista e pretendemos aprofundar ao máximo esse relacionamento. A filiação à Internacional é um problema que ainda não cogitamos. É uma matéria que deve ser motivo de uma resolução do partido, após um amplo debate, que só será possível quando tivermos atingido nossa total organicidade interna<sup>23</sup>.

Quando perguntado o que o PSP tem a ver com o que está sendo organizado por Brizola, Mário Soares respondeu que os dois são amigos, que estiveram juntos no exílio de Brizola e partilhavam de muitas ideias em comum, como a necessidade de realizar reformas

---

<sup>21</sup> O *Globo*, *Ivete sob o fogo de outro PTB*, 22 de março de 1980, p. 02.

<sup>22</sup> O *Globo*, *Mário Soares chega ao Brasil fazendo o elogio da abertura*, 04 de abril de 1980, p. 03.

<sup>23</sup> O *Globo*, *Mário Soares chega ao Brasil fazendo o elogio da abertura*, 04 de abril de 1980, p. 03.

estruturais num quadro de pluralismo democrático, respeitando os direitos humanos e as garantias individuais<sup>24</sup>.

O jornal buscou, ao longo do mês, difundir a ideia de ligação de Brizola com a Internacional Socialista, e de infração do grupo em relação à Lei Orgânica dos Partidos Políticos, que proibia a vinculação de partidos com movimentos ideológicos internacionais. Esse mesmo argumento foi utilizado por Ivete Vargas para tentar impugnar o pedido de registro do PTB de Brizola, no dia 11 de abril.

Ainda no dia 7 de abril, o grupo de Brizola já havia pedido a impugnação do grupo de Ivete Vargas, sob o argumento de que a ex-deputada não tinha fundado validamente o partido, por tê-lo feito em março de 1979, quando ainda não era vigente a lei da Reforma Partidária.

### **Brizola e a perda da sigla PTB: Discursos de *O Globo***

No dia 29 de abril, o procurador-geral eleitoral Firmino Paz concedeu parecer favorável a favor do PTB de Ivete. Segundo ele não eram válidos os pedidos de impugnação do grupo brizolista, que tinham como argumento o fato de Ivete ter fundado seu partido quando ainda não era vigente a lei da Reforma Partidária<sup>25</sup>.

Em 1º de maio, *O Globo* publicou, com o título de *Brizola admite que pode perder sigla para Ivete Vargas*, que ele afirmara que a decisão de Firmino Paz podia ter sido influenciada pelo governo. O periódico citou o jornalista José Maria Rabelo, presidente da comissão provisória do PTB de Brizola, que afirmou que não existia dicotomia, pois o “PTB de Brizola é o partido e o de Ivete é o antipartido. Uma manobra que parte do Planalto não pode ser em nada semelhante ao nosso PTB”<sup>26</sup>.

Já em 06 de maio, com o título *Brizola culpa ministro pelo parecer pró-Ivete*, *O Globo* escreveu

O ex-governador Leonel Brizola criticou ontem a atitude do ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, que segundo ele, “convocou a oposição para o diálogo, e depois mandou o procurador-geral da Justiça dar um parecer favorável ao pedido do registro da senhora Ivete Vargas”. Um partido, afirmou Brizola, não se faz com papéis. O PTB de Ivete Vargas é uma deformação, que até hoje não conseguiu reunir meia dúzia de pessoas<sup>27</sup>.

<sup>24</sup> *O Globo*, Mário Soares chega ao Brasil fazendo o elogio da abertura, 04 de abril de 1980, p. 03.

<sup>25</sup> *O Globo*, “Procurador dá parecer a favor do PTB de Ivete”, 30 de abril de 1980.

<sup>26</sup> *O Globo*, *Brizola admite que pode perder sigla para Ivete Vargas*, 01 de maio de 1980, p. 04.

<sup>27</sup> *O Globo*, *Brizola culpa ministro pelo parecer pró-Ivete*, 06 de maio de 1980, p. 04.

Já para Ivete Vargas, “não dá para acreditar nessas declarações, porque o ministro da Justiça integra o poder executivo, e afirmar isso significa um desrespeito ao poder judiciário”<sup>28</sup>. No dia 9 de maio, o jornal noticiou que o procurador havia concedido, no dia anterior, parecer contrário ao PTB de Brizola, sendo o principal argumento utilizado por Firmino Paz que o grupo de Ivete Vargas havia cumprido em primeiro lugar as exigências.

Firmino Paz argumentou que os dois grupos cumpriram todas as exigências, mas “a lei incidiu sobre os fatos que o grupo de Ivete praticou, antes de incidir sobre os fatos que o outro grupo praticou. Como não pode haver um registro para cada grupo, o direito nasceu mutilado para aquele cujo fato jurídico nasceu depois”<sup>29</sup>.

O procurador ainda rebateu os argumentos do grupo de Ivete sobre o fato do PTB brizolista estar vinculado à Internacional Socialista, afirmando que “inexiste ao parecer, prova inequívoca, oficiosa ou oficial, dessa pregoada vinculação, ou mesmo prova confessória. Não basta, só para tanto, o noticiário da imprensa, por mais respeitável que o seja”<sup>30</sup>.

Ao receber a notícia, Brizola disse que mesmo que tirassem do grupo a legenda, “não nos tirarão o partido nem o movimento social que o trabalhismo representa. Esta sigla tem muito valor, mas dentro de um contexto e sustentada por determinadas pessoas. Fora daí serão três letras mortas numa parede e num papel”.

Na mesma notícia, *O Globo* afirmou que o grupo liderado por Ivete “sempre saiu na frente, por ter sido criado em 20 de dezembro de 1979, e o de Brizola no dia 21 do mesmo mês e ano, e por ter requerido registro junto ao TSE em 14 de março de 1980, enquanto Brizola o fez no dia 21”<sup>31</sup>.

Ainda no dia 9 de maio, o jornal noticiou que o senador Leite Chaves, do grupo de Brizola, e o deputado Jorge Cury, do grupo de Ivete Vargas, viajaram para São Paulo com o objetivo de discutir um acordo para unir os dois PTBs em apenas um partido. Segundo o periódico, a base de acordo seria a divisão da comissão nacional em cinco vagas para Ivete, cinco vagas para Brizola e uma a ser preenchida por nome em torno do qual compusessem as duas concorrentes<sup>32</sup>.

O acordo, porém, não era bem visto por Brizola, que não desejava “dividir o comando do PTB” com Ivete Vargas. Para o jornal, todas as alternativas para Brizola, se perdesse a

---

<sup>28</sup> *O Globo*, *Brizola culpa ministro pelo parecer pró-Ivete*, 06 de maio de 1980, p. 04.

<sup>29</sup> *O Globo*, *Procurador dá parecer contra o PTB de Brizola*, 09 de maio de 1980, capa, p. 02 e 04.

<sup>30</sup> *O Globo*, *Procurador dá parecer contra o PTB de Brizola*, 09 de maio de 1980, capa, p.02 e 04.

<sup>31</sup> *O Globo*, “Procurador dá parecer contra o PTB de Brizola”, 09 de maio de 1980, capa, p. 02 e 04.

<sup>32</sup> *O Globo*, “Procurador dá parecer contra o PTB de Brizola”, 09 de maio de 1980, capa, p. 02 e 04.

sigla, seriam desconfortáveis. Foi cogitada a possibilidade de seu ingresso no PMDB, mas acredita-se que a liderança de Brizola se chocaria com outras. O jornal, que anteriormente argumentava que se Brizola perdesse a sigla ingressaria no PTB de Ivete ou no PMDB, agora passa também a discutir a possibilidade da criação de um novo partido.<sup>33</sup>

No dia seguinte, traz a notícia: *Executiva do PTB de Brizola repele negociação com Ivete*, em que Brizola e a comissão provisória do seu PTB decidem por unanimidade rejeitar qualquer tipo de acordo com o grupo de Ivete. Brizola então apresenta a fórmula considerada por ele a ideal para resolver a questão: deferir os registros provisórios dos dois PTBs e distribuir fichas de filiação partidárias a ambos os grupos, e com um prazo de 90 a 100 dias decidir, com os votos da base, o controle do partido<sup>34</sup>.

O resultado saiu no dia 12 de maio, quando o TSE decidiu, por cinco votos a um, conceder o registro provisório do PTB ao grupo liderado por Ivete Vargas. O Tribunal argumentou que o requerimento formulado pelo grupo atendia a todas as exigências, e ao analisar, em segundo lugar, o pedido do grupo de Brizola, decidiu pelo indeferimento, alegando que a sigla já havia sido conquistada pelo grupo de Ivete<sup>35</sup>.

De acordo com o jornal,

O ex-governador Leonel Brizola teve duas reações ao saber do resultado no TSE. Trancado no apartamento 1604 do Hotel Ambassador com os principais dirigentes do seu partido, bateu o telefone através do qual o deputado Lidovino Fanton lhe transmitiu de Brasília a notícia e afirmou: - Agora, vamos ter que começar tudo de novo. [...] Emocionado, sem dizer uma palavra, apenas respondendo aos cumprimentos, dirigiu-se ao 17º andar, um pequeno centro de convenções que lhe fora cedido pelo ex-deputado Márcio Moreira Alves, assessor da diretoria do hotel. Foi ovacionado pelas 200 pessoas que aguardavam em vigília a decisão do TSE e gritavam seu nome em coro. A certa altura, pegou uma folha de papel tamanho ofício, puxou a esferográfica do bolso da camisa e desenhara grande a sigla PTB. Brizola levantou para a plateia as letras que desenhara. Por alguns segundos ficou mudo, olhando a sigla e ignorando as primeiras perguntas dos jornalistas. Em seguida, dramaticamente, Brizola rasgou o papel com a sigla, sob aplausos, como a simbolizar que a partir de então ela

<sup>33</sup> *O Globo*, “Procurador dá parecer contra o PTB de Brizola”, 09 de maio de 1980, capa, p. 02 e 04.

<sup>34</sup> *O Globo*, “Executiva do PTB de Brizola repele negociação com Ivete” 10 de maio de 1980, p. 04.

<sup>35</sup> *O Globo*, “Ivete ganha no TSE sigla do PTB. Brizola chora” 13 de maio de 1980, capa, p. 03.

deixava de existir. E não se conteve: caiu em prantos, escondendo o rosto com as mãos.<sup>36</sup>

Segundo a matéria, Brizola fez o seu “mais inflamado discurso”. No discurso de Ivete após a vitória, a ex-deputada afirmou que seu partido seria de oposição, e que não negava ser amiga do general Golbery, afirmando que ele era um dos principais promotores da abertura, e que se não fosse por ele, Brizola nem estaria no Brasil<sup>37</sup>.

Em seguida, o jornal publicou uma tabela com os nomes da bancada brizolista e as alternativas para eles. Dos 24 componentes, 1 senador e 23 deputados, o jornal afirmou que 6 deveriam ir para o PMDB; 5 seguiriam Brizola em qualquer hipótese, 5 aguardariam a decisão dos líderes trabalhistas na Bahia; 4 ou iriam para o PMDB ou acompanhariam Brizola; 2 defendiam a união de uma frente de esquerda formada por PTB, PMDB e PT; 1 defendia a união com o grupo de Ivete Vargas e 1 deveria seguir para o PP ou acompanhar Brizola.

De acordo com João Trajano Sento-Sé, Brizola, ao rasgar a sigla PTB, afirmou: “eles destruíram o PTB mas não irão nos calar”. Disse também que as principais lideranças políticas do Brasil declararam incredulidade com a decisão da Justiça. Para Sento-Sé, na percepção brizolista, a perda da legenda foi o primeiro golpe sofrido por Brizola no pós-exílio. Trajano Ribeiro, um dos seus principais colaboradores, analisou que o PTB era uma sigla avassaladora nas mãos de Brizola, mas que com outro partido as coisas mudaram: “O PTB vinha com as pessoas e com toda a carga histórica que possuía. Tinha um poder de fogo terrível. Sem ele, as pessoas tomavam outro rumo, até pela incerteza sobre o que aconteceria” (SENTO-SÉ, 1999, p. 96).

A decisão do TSE em conceder a sigla para Ivete Vargas causou revoltou em grande parte da oposição, e também em outros setores sociais, como na classe artística e intelectual. O poeta Carlos Drummond de Andrade, em sua coluna no *Jornal do Brasil*, no dia 15 de maio, publicou o seguinte poema, sob o título “Eu vi”:

Vi um homem chorar porque lhe negam o direito de usar três letras do alfabeto para fins políticos.

Vi uma mulher beber champanha(\*) porque lhe deram esse direito negado ao outro. Vi um homem rasgar o papel em que estavam escritas as três letras, que ele tanto amava.

<sup>36</sup> *O Globo*, “Ivete ganha no TSE sigla do PTB. Brizola chora”, 13 de maio de 1980, capa, p. 03.

<sup>37</sup> *O Globo*, “Ivete ganha no TSE sigla do PTB. Brizola chora”, 13 de maio de 1980, capa, p.03.

Como já vi amantes rasgarem retratos de suas amadas, na impossibilidade de rasgarem as próprias amadas.

Vi homicídios que não se praticaram mas que foram autênticos homicídios: o gesto no ar, sem conseqüência, testemunhava a intenção.

Vi o poder dos dedos. Mesmo sem puxar o gatilho, mesmo sem gatilho a puxar, eles consumaram a morte em pensamento.

Vi a paixão em todas as suas cores. Envolta em diferentes vestes, adornada de complementos distintos, era o mesmo núcleo desesperado, a carne viva; E vi danças festejando a derrota do adversário, e cantos e fogos.

Vi o sentido ambíguo de toda festa. Há sempre uma antifesta ao lado, que não se faz sentir, e dói para dentro.

A política, vi as impurezas da política recobrando sua pureza teórica. Ou o contrário. Se ela é jogo, como pode ser pura... Se ela visa o bem geral, por que se nutre de combinações e até de fraudes.

Vi os discursos...<sup>38</sup>

O poema de Drummond de Andrade retratou como setores da sociedade receberam a notícia da decisão do TSE, e como essa sociedade reconhecia o “amor de Brizola pelo PTB”, conforme o poeta descreve. Ao escrever “vi as impurezas da política recobrando sua pureza teórica”, e “se ela visa o bem geral, porque se nutre de combinações e até de fraudes”, Drummond afirmou que Ivete conseguiu a sigla através de arranjos, e até mesmo de fraudes.

Sabe-se que o governo, através do general Golbery, com quem Ivete tinha trânsito fácil (SENTO-SÉ, 1999, p. 89, influenciou na decisão do TSE, na busca de enfraquecer politicamente Brizola. Ivete representava menos perigo e menos oposição do que o ex-governador. Além de Sento-Sé, outros historiadores, como Thomas Skidmore, defenderam a influência do governo na decisão da sigla.

Para esse autor, Brizola tinha “boas credenciais” para obter o direito da sigla, por ter sido “produto político do Rio Grande do Sul, local de nascimento de Getúlio Vargas e do PTB [...]. Mas as autoridades eleitorais, provavelmente por sugestão do governo, concederam a legenda a Ivete Vargas, figura política secundária”. Segundo Thomas Skidmore, Ivete era bem relacionada com Golbery, e conceder a sigla a ela foi estratégia do general (1988, p.428).

Brizola, ao discursar após a perda, e escrever e rasgar a sigla PTB, demonstrou uma dramaticidade em seu discurso. Segundo Charaudeau, à medida em que as emoções

---

<sup>38</sup> ANDRADE, Carlos Drummond. *Eu Vi*. *Jornal do Brasil*, 15 de maio de 1980. Disponível em: <http://www.pdt.org.br/index.php/brizola-chora-ao-perder-a-sigla-ptb-e-drummond-escreve-eu-vi/>

correspondem às representações sociais, elas podem desencadear sensações ou comportamentos que podem ser utilizadas para tentar seduzir, ameaçar, aterrorizar, enfim, atrair um interlocutor ou um auditório. Para Charaudeau,

Um discurso pode produzir um efeito emocional em um auditório conforme a maneira como se combinam três fatores: (i) a natureza do universo da crença ao qual o discurso remete (vida/morte, acidente, catástrofe, massacre, amor, paixão, etc.). (ii) a encenação discursiva que pode, ela própria, parecer dramática, trágica, humorística ou neutra, (iii) o posicionamento do interlocutor (ou do público) em relação aos universos de crença convocados e o estado de espírito no qual ele se encontra. Desse modo, o sujeito que fala deve saber escolher universos de crenças específicos, tematizá-los de determinada maneira e proceder à determinada encenação, tudo em função do modo como ele imagina seu interlocutor ou seu público e em função do efeito que espera produzir nele (CHARAUDEAU, Discurso político, 2015, p. 90).

Em seu discurso, Brizola buscou causar um forte efeito emocional, como procedeu ao longo de toda sua carreira. Nele, fez uso da natureza do discurso, da crença à qual o discurso remete, ao dar ideia da morte da sigla PTB, da catástrofe que isso causaria na história do partido, e da paixão que ele tinha por ela; fez uso ainda da encenação discursiva, ao enfatizar o caráter trágico da decisão do Tribunal, e pela dramaticidade com que ele próprio trata o episódio; e por fim, do posicionamento dos interlocutores e do público, ao afirmar: “eles destruíram o PTB mas não irão nos calar”.

Segundo Leite Filho, “Brizola se engrandecia no episódio. Sua nota contundente, o gesto de rasgar e despedir-se da sigla, as lágrimas, comoveram o país” (LEITE FILHO, 2008, p. 387). Leite Filho, porém, estava errado. Brizola saiu enfraquecido por perder a sigla para a qual havia elaborado todo um projeto de reinvenção, além de perder diversos deputados e um senador.

Nesse caso, é preciso levar em conta o poder simbólico que a sigla PTB representava. Segundo Pierre Bourdieu,

O poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção (sic) sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força

(física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformadora, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico (2002, p. 15)

O poder simbólico, portanto, representa um ato central nas relações sociais, em que exerce um poder que só existe se for reconhecido perante os demais, legitimado e transformador. No caso da perda da sigla PTB, esta representava para Brizola o estímulo necessário para reconstrução de sua força política no pós-exílio. Representava uma sigla que ainda tinha um considerável valor simbólico na memória da população, de um projeto nacionalista-desenvolvimentista, e acima de tudo, trabalhista.

A perda da legenda foi o primeiro golpe sofrido por Brizola no pós-exílio. O PTB liderado por Brizola possuía, em março de 1980, 23 deputados e 1 senador. Após o veredito do TSE, o PDT ficou com 10 deputados, número que depois caiu para nove, e nenhum senador.

### **Brizola e a criação do PDT: Discursos de *O Globo***

No dia 14 de março *O Globo* afirmou que Brizola ficou mais crítico após a perda da sigla, com uma linguagem mais contundente contra o regime. Na entrevista, Brizola citou o PTB apenas uma vez, para dizer que ele tinha morrido. Brizola afirmou que ele e seu grupo tinha sido esbulhados, mas que o mal que pensaram em lhes fazer recaia muito menos sobre eles do que sobre o povo brasileiro, “desacreditando o processo de abertura, poluindo o ambiente, aumentando as desconfianças”<sup>39</sup>.

Já no dia 16, o jornal discutiu uma possível aliança do novo grupo de Brizola com o Partido dos Trabalhadores, afirmando que as duas principais propostas que seriam apresentadas no dia seguinte e no domingo para discussão no encontro nacional dos trabalhadores ligados ao ex- governador Leonel Brizola, no Palácio Tiradentes, seriam de uma nova sigla ou fusão com o PT.

---

<sup>39</sup> *O Globo*, “Brizola fica mais crítico”, 14 de maio de 1980, p. 04.

O discurso continuou nos dias seguintes, em 18 de maio, o jornal publicou uma notícia intitulada *Carisma da sigla contra a força de Brizola*, em que afirma que a sigla PTB sob o comando de Ivete foi chamado de “três letras mortas”, mas eram na verdade “três letras mágicas, capazes de atrair lideranças que não se sentiriam a vontade à sombra do próprio Leonel Brizola”<sup>40</sup>. No dia seguinte, 19, o jornal anunciou que a nova sigla de Brizola e seus seguidores iria se chamar PTD – Partido Trabalhista Democrático (nome dado ao partido provisoriamente e que foi logo alterado para PDT – Partido Democrático Trabalhista)<sup>41</sup>.

Assim, o jornal seguiu noticiando a perda de deputados do novo partido de Brizola, prevendo uma “debandada” para o PTB de Ivete. No dia 20 publicou “Grupo brizolista perde seis deputados federais”, afirmando que apenas um dia após a criação do PTD, o grupo de Brizola havia perdido o senador Leite Chaves e mais seis deputados federais, pois os deputados alegaram falta de espaço. Na mesma matéria, *O Globo* traz declarações de Ivete Vargas em que ela promete impugnar o PTD e processar Brizola, pelas declarações do ex-governador de que ele teria documentos que confirmavam o envolvimento do PTB de Ivete com o governo<sup>42</sup>.

No dia seguinte, 21, o periódico publicou uma matéria sob o título “Ivete faz balanço e prevê debandada do PTD”, em que a ex-deputada afirmava que vários congressistas ligados a Brizola deixariam seu novo partido e partiriam para o PTB. Ao longo da notícia, é destacado que o PTB estava ampliando sua bancada, e que o partido de Brizola estaria perdendo ainda mais membros<sup>43</sup>.

Já no dia 27 de maio, *O Globo* publicou a notícia *Brizola lança outra sigla: agora é PDT*, em que escreve que Brizola rasgou no dia anterior (26), a sua segunda sigla, o PTD, invertendo as letras e criando o PDT – Partido Democrático Trabalhista. Para o jornal, a justificativa de Brizola foi de que a sigla anterior era de difícil pronúncia, mas o verdadeiro motivo seria facilitar uma fusão com o PT, pois a sigla PDT poderia também significar Partido Democrático dos Trabalhadores<sup>44</sup>.

Nos dias seguintes, 28 a 31 de maio, o jornal continuou tratando da possível fusão do PDT com o PT, destacando no dia 28 que Lula enviou para Brizola camisetas de metalúrgicos, e afirmando que esse era o primeiro sinal efetivo da aproximação dos dois<sup>45</sup>. Já no dia 30, afirma que Brizola e Lula estariam traçando um plano de ação comum,

<sup>40</sup> *O Globo*, “Carisma da sigla contra a força de Brizola, 18 de maio de 1980”, p. 08.

<sup>41</sup> *O Globo*, “Partido Trabalhista Democrático vai reunir seguidores de Brizola”, 19 de maio de 1980, p. 03.

<sup>42</sup> *O Globo*, “Grupo brizolista perde seis deputados”, 20 de maio de 1980, capa, p. 03.

<sup>43</sup> *O Globo*, “Ivete faz balanço e prevê debandada do PTD”, 21 de maio de 1980, p. 03.

<sup>44</sup> *O Globo*, “Brizola lança outra sigla: Agora é PDT”, 27 de maio de 1980, p. 04.

<sup>45</sup> *O Globo*, “Lula envia para Brizola as camisetas dos metalúrgicos”, 28 de maio de 1980, p. 05.

formando comissões especializadas para examinar as propostas de cada um diante das questões políticas, econômicas e sociais do país<sup>46</sup>.

No dia seguinte, 31, *O Globo* publica o seguinte editorial, intitulado *Sem trabalho*:

BRIZOLA e Lula buscam uma aproximação, depois de começarem separados e até se estranharem. EM PRINCÍPIO, realmente, nada mais lógico do que uma aliança entre trabalhadores e trabalhistas. MAS A POLÍTICA não costuma ficar somente nos considerandos. Em matéria de finalmente, o trabalhismo programático e partidário no Brasil tomou caminhos nem sempre pertinentes com a doutrina ou causa. DE RESTO, o desencontro continua. O trabalhismo de Brizola é o da carta-testamento de Vargas, e o de Lula, o da greve. Só falta o trabalhismo baseado no trabalho<sup>47</sup>

Percebemos como o jornal continuou a combater a liderança trabalhista de Brizola e, nesse caso, também a de Lula, ao afirmar que Brizola propunha o trabalhismo de Vargas e Lula o da greve, e que só faltava o trabalhismo baseado no trabalho. Ao longo desse período, o jornal *O Globo* investiu no processo de enfraquecimento e desconstrução de Brizola.

Com o PDT, Brizola reiniciou seu projeto trabalhista, no que Sento-Sé denomina de trabalhismo brizolista. Para isso era preciso, além de incorporar os novos temas, principalmente os referentes às minorias introduzidas pela aproximação com a social-democracia, promover um retorno à memória do trabalhismo de 1945-1964, e situar-se como o verdadeiro herdeiro desse trabalhismo.

Cabe, dessa forma, entender como a memória foi utilizada na reformulação do projeto trabalhista, a partir do próprio conceito de memória. Segundo Jacques Le Goff, a memória é a “propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas” (LE GOFF, 1994, apud SILVA, 2009, p. 275).

No caso trabalhista, a memória que buscaram e tentaram recuperar no processo de abertura deve ser entendida como um trabalho de invenção de uma tradição, uma reinvenção da tradição trabalhista. Por tradição inventada, segundo Eric Hobsbawm, entende-se um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, em que se tenta

---

<sup>46</sup> *O Globo*, “Brizola e Lula estudam plano de ação comum”, 30 de maio de 1980, p. 04.

<sup>47</sup> *O Globo*, “Sem trabalho”, 31 de maio de 1980, p. 04.

estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriada (HOBSBAWN, 1984, apud SENTO-SÉ, 1999, p. 99).

Portanto, a memória que os trabalhistas buscavam, e que Brizola e os brizolistas divulgaram exaustivamente ao longo dos anos 1980 é entendida por Sento-Sé, e também neste trabalho, como um discurso de reinvenção do trabalhismo, aproveitando-se do fato de que o ele nunca foi formalizado como uma doutrina política ou mesmo como ideologia articulada.

Além de Sento-Sé, outros autores também utilizam a expressão “do trabalhismo ao brizolismo”, para explicar o processo de reinvenção do trabalhismo sob o comando de Brizola no pós-1979. É o caso de Ronaldo Vainfas, que utiliza o conceito de socialismo moreno para explicar esse processo. Para esse autor, o discurso político de Brizola permaneceu basicamente o mesmo da Carta de Lisboa, sintetizado na ideia desse socialismo moreno, um socialismo à brasileira, termo criado por Darcy Ribeiro na campanha estadual de 1982 (VAINFAS, 2007, p. 497).

O socialismo moreno, como dito anteriormente, deveria ser a expressão de “nosso povo”, e seu princípio programático fundamental era a proposta de unir justiça social com democracia e liberdade. Além da defesa das minorias e dos oprimidos, o novo projeto brizolista deveria passar pelo fortalecimento da educação fundamental, com base nos Centros Integrados de Educação Pública, os CIEPs (a experiência mais bem sucedida dos governos de Brizola em Porto Alegre como prefeito, e no Rio Grande do Sul como governador) (VAINFAS, 2077, p.497).

Esse foi o principal diferencial em relação aos outros partidos de oposição na reformulação partidária. Enquanto o PMDB possuía o discurso de transição e fortalecimento da democracia, o PT de amparo aos trabalhadores, e o PTB de Ivete de uma vaga retomada do trabalhismo de Getúlio Vargas, o PDT firmou-se como um partido das minorias, comprometido primeiramente com a educação.

Ainda em relação à ideia de socialismo moreno, ou socialismo à brasileira, é necessário afirmar que o novo partido tinha como ênfase o caráter não-classista, devendo ser um partido de esquerda não marxista. Na questão econômica, deveria, se alcançasse o objetivo de conquistar o poder federal, recuperar a ênfase na proteção das riquezas nacionais e na vocação do Estado como agente dinamizador da atividade produtiva.(SENTO-SÉ, 2007, p.437).

Essas bandeiras eram retomadas como próprias do trabalhismo de 1945-1964, “mediante um discurso que associava todo o período da República de 1945 a uma suposta ascendência do trabalhismo da chamada Era Vargas nos processos decisórios de então”.

Tanto em relação à defesa dos excluídos de todos os matizes quanto à promoção e defesa da riqueza nacional, a figura de Getúlio Vargas funcionava como referência fundamental. Tratava-se, ao recuperar a tradição trabalhista, de reatualizar o mito, o estadista, o fundador do partido e seu principal líder histórico. O legado trabalhista personificado na figura de Brizola fazia-o, ao mesmo tempo, o sucessor do herói fundador dessa tradição e o novo condutor da corrente que, organizada partidariamente, retomaria a obra imorredoura de Vargas, interrompida pelo golpe militar, mas mantida viva na memória popular. Essa memória deveria ser reativada com pujança maior, de modo a atingir a sua realização virtuosa na nova democracia que estava por vir (SENTO-SÉ, 2007, p. 438).

Foi dessa forma que se buscou reinventar a tradição brizolista, a partir da memória de trabalhistas que tiveram em Vargas e em Jango seus principais referenciais políticos. Pretendia-se, retomar o projeto trabalhista sob o comando de Brizola. Entretanto, os trabalhistas deveriam aceitar as reformulações e diferenças do novo projeto, que incluiu aspectos ligados à social-democracia, principalmente à questão das minorias.

O socialismo brizolista deveria, portanto, ser atrelado à questão democrática e ao fortalecimento das instituições representativas, sendo a ação do Estado responsável por humanizar as relações capitalistas no interior da sociedade brasileira. A opção pela democracia é a principal diferença do socialismo moreno, proposto pelo grupo liderado por Brizola em relação a um socialismo atrelado aos ideais marxistas. A rejeição da abolição da propriedade privada e a recusa à revolução armada para chegar ao poder ainda são características que diferenciam os dois modelos.

### **Considerações Finais**

Neste artigo, analisamos o processo de disputa da sigla PTB entre Brizola e Ivete Vargas e a criação do PDT, por meio da análise das publicações de janeiro a maio de 1980 do jornal *O Globo*. O período foi escolhido por o pedido de registro do partido iniciar-se em janeiro, e o processo de decisão do Tribunal Superior Eleitoral perdurar até maio, seguido da criação do PDT.

Observamos como o jornal se posicionou de modo favorável a Ivete Vargas, criando notícias, editoriais e trazendo a opinião crítica de outros políticos a Brizola. Durante os meses estudados, o discurso do jornal acompanhou uma linha que buscava desqualificar o projeto político de Brizola. Ainda que não enaltecesse Ivete Vargas, *O Globo* concentrava as críticas e as estratégias de desqualificação em Leonel Brizola.

*O Globo* apoiou o golpe de 1964 e permaneceu favorável ao governo ditatorial por praticamente todo o seu período. Em diversos momentos, o jornal desqualificou projetos dos partidos trabalhistas, criticando o direito a greves, a ampliação de direitos trabalhistas. O jornal seguia uma linha neoliberal, apoiando privatizações, incentivando à entrada do capital da iniciativa privada. Brizola, por outro lado, defendia a valorização das empresas estatais, direitos trabalhistas, reforma agrária, entre outras. O discurso de Brizola era o oposto do defendido pelo *O Globo*, e o apoio do jornal a Ivete Vargas no processo de disputa pelo PTB ocorreu em uma tentativa de enfraquecer Brizola politicamente.

Para entendermos o discurso criado pelo jornal, recorreremos à análise do discurso, por meio de Patrick Charaudeau. O autor exemplifica as estratégias criadas pelas mídias para compor seu discurso, evidenciando a forma como compõe os títulos das notícias e as técnicas utilizadas para desqualificar um adversário no cenário político. Essas técnicas foram comprovadas na pesquisa e a análise do discurso permitiu entender a forma como o jornal elaborou o seu próprio discurso.

Enfim, escrever história por meio da imprensa nos permite ter um entendimento da necessidade da aproximação entre história e jornalismo nas pesquisas históricas. A forma como a imprensa seleciona e escreve seus conteúdos em determinado momento merece ser alvo da pesquisa histórica pela importância que ela tem no desenvolvimento dos acontecimentos políticos. Por fim, vale lembrar que inúmeras são as possibilidades de pesquisa através da imprensa no campo historiográfico, e em especial, as relações entre mídia e as relações de poder, que devem continuar ganhando espaço no cenário futuro.

### Referências bibliográficas

- ARÊAS, João Braga. *Batalhas de O Globo (1989-2002): O neoliberalismo em questão*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.
- BANDEIRA, Moniz. *Brizola e o trabalhismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRIGAGÃO, Clóvis; RIBEIRO, Trajano. *Brizola*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

CHACON, Vamireh. *História dos partidos brasileiros: discurso e práxis dos seus programas*. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

CHARAUDEAU, Patrick. *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *Nacionalismo como projeto de nação: a Frente Parlamentar Nacionalista (1956-1964)*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (As esquerdas no Brasil).

FERREIRA, Jorge; FREIRE, Américo. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FERREIRA, Jorge, *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Coord.). *O Brasil republicano*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. 4 v.

FILHO, Daniel Aarão Reis. RIDENTI, Marcelo. MOTTA, Rodrigo Pato Sá. *A ditadura que mudou o Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

FILHO, FC Leite. *El caudillo: Leonel Brizola: um perfil biográfico*. São Paulo: Aquariana, 2008.

LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos, e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MACEDO, Michelle Reis. *As esquerdas revolucionárias, Leonel Brizola e a refundação do trabalhismo*. IN: FERREIRA, Jorge; FREIRE, Américo. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MARCON, Marcelo. O retorno de Leonel Brizola do exílio em 1979: Discursos de *O Globo*. *Revista Labirinto*, ano XVI, v.24, n.1. (Jan-Jun), 2016. p. 339-362.

REMOND, René. *Por uma história política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SENTO-SÉ, João Trajano. *Brizolismo: estetização da política e carisma*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1999.

SENTO-SÉ, João Trajano. *Um encontro em Lisboa. O novo trabalhismo do PDT*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Coord). *Revolução e democracia (1964--)*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007. (As esquerdas no Brasil ; 3).

VAINFAS, Ronaldo. *A luz própria de Leonel Brizola: do trabalhismo getulista ao socialismo moreno*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Coord). *Revolução e democracia*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007. (As esquerdas no Brasil).

